

ROSINEIA LUCIO TEOTONIO RODRIGUES

***O USO DA BIBLIOTECA ESCOLAR POR CRIANÇAS E ADOLESCENTES
COM SÍNDROME DE DOWN***

CAMPINAS, 1996

Rosineia Lucio Teotonio Rodrigues

O uso da biblioteca escolar por crianças e adolescentes com Síndrome de Down

Trabalho apresentado como exigência parcial para conclusão do curso de Pedagogia, com habilitação em Magistério das Séries Iniciais do 1º Grau e Administração Escolar, para a FE - UNICAMP, sob orientação da Profª. Dra. Ana Maria Torezan.

Campinas, 1996

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP**

R618u

Rodrigues, Rosinéia Lúcio Teotônio.

O uso da biblioteca escolar por crianças e adolescentes com Síndrome de Down / Rosinéia Lúcio Teotônio Rodrigues. -- Campinas, SP : [s.n.], 1996.

Orientador : Ana Maria Torezan.

Trabalho de conclusão de curso - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Bibliotecas escolares. 2. Down, síndrome de. 3. Leitura. I. Torezan, Ana Maria II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

Dedico este trabalho ao Paulo, por ter me ensinado a acreditar em minhas próprias forças, e em minha capacidade de tornar meus sonhos realidade.

AGRADECIMENTOS

A todos os alunos do CDI, pelo muito que me ensinaram e, especialmente, aos alunos do G6, G7 e G8 por terem prestigiado o meu trabalho e empenho.

À Dra. Maria Inês Bacellar Monteiro, coordenadora da escola, pelas sugestões quando da montagem do projeto.

À Prof^a. Dra. Ana Maria Torezan que, com competência e amizade, me ajudou na construção deste trabalho.

Ao meu marido Paulo, pelo apoio e ajuda na editoração.

Ao Leo (aluno do CDI), pelo carinho e atenção que foram elementos motivantes à cada encontro na biblioteca.

À Prof^a. Dra. Lilian L. M. da Silva, pela disponibilidade em ler este trabalho.

À Hélia, pela amizade, atenção e dedicação na hora da correção ortográfica.

Aos profissionais que trabalham no CDI e colaboraram com meu trabalho.

*“Se você procurar bem, você acaba encontrando
Não a explicação (duvidosa) da vida,
Mas a poesia (inexplicável) da vida.”*
Drummond

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	05
1 . INTRODUÇÃO.....	10
2 . OBJETIVOS.....	21
3 . MÉTODO	22
4 . ANÁLISE.....	27
4.1. Quanto a Divulgação	27
4.2. Quanto ao Espaço Físico da Biblioteca.....	28
4.3. Quanto às Sessões	30
4.3.1. Alguns momentos especiais.....	40
4.4. Quanto às Entrevistas	43
4.4.1. A primeira fase	43
4.4.2. A segunda fase.....	47
4.4.3. Algumas considerações gerais	52
5. CONCLUSÃO	54
BIBLIOGRAFIA.....	58
ANEXOS	60

APRESENTAÇÃO

"O interesse é a pedra de toque do progresso, do prazer e da utilidade da leitura. É o gerador de toda a atividade voluntária de leitura."

N. B. Smith

As pessoas geralmente têm curiosidade em saber o porque da escolha de um determinado tema para um Trabalho de Conclusão de Curso, ou outro estudo que tenha escolha livre de tema. No nosso caso, a escolha teve ligação direta com nossa paixão pelos livros e, em especial, pela literatura dita infantil, e também pelo fato de termos, em nossos estágios durante o decorrer do curso de Pedagogia, convivido com duas realidades bem diferentes no que se refere à leitura em duas escolas de 1º Grau. Em um dos casos, numa 1ª série (escola pública de periferia), as crianças tinham oportunidade de escolher um livro na biblioteca e levá-lo para casa. No entanto, não presenciamos nenhum trabalho em sala de aula com base nestes livros, que eram simplesmente devolvidos à biblioteca, como se a leitura extra-classe fosse algo separado do trabalho em classe. No outro caso, também em sala de 1ª série (escola particular), pudemos acompanhar um trabalho incorporando a leitura fora da escola, isto porque os alunos tinham espaço em sala para falar sobre os livros que haviam lido em casa. Nesta escola, participamos de uma roda de leituras em que cada participante fazia um breve resumo do livro lido e o indicava a um amigo. Não é necessário dizer que esta estratégia motivou e muito a leitura com escolha espontânea. Um dos autores mais lidos após este momento foi Monteiro Lobato, com as histórias do Sítio do Pica-pau Amarelo.

Embora tenhamos observado apenas fragmentos destas duas realidades, o que não nos permite fazer afirmações mais completas sobre o trabalho com a leitura nesses dois casos, pudemos perceber que a escola influencia a formação do leitor e principalmente a leitura enquanto lazer, e muitas vezes enfoca a leitura como sendo obrigação, isto porque os professores solicitam aos alunos que visitem a biblioteca escolar para realizar pesquisas; raramente incentivam a leitura enquanto lazer e prazer.

Um outro motivo que nos levou a escolher o tema deste estudo foi que participamos de uma oficina, oferecida pela FE-UNICAMP sobre a produção de texto na escola, durante a qual discutimos sobre interpretação e compreensão de textos de livros infantis e sobre produção de textos em sala de aula.

Essas experiências nos levaram a escolher uma temática relacionada à leitura, para o desenvolvimento do TCC. Realizamos, então, um trabalho oferecendo oportunidade de leitura no horário de recreio em uma escola especial porque acreditamos ser a leitura importante fonte de conhecimento e de aprendizado.

1 . INTRODUÇÃO

"Vamos dizer que a experiência da leitura é a nossa aventura, a história romanesca em que penetramos pelo simples ato de abrir um livro. Algo do encanto da descoberta infantil permanece sempre nessa experiência: "Et nunc manet in te". Como nesse verso atribuído a Virgílio, algo nos passa e fica. É que ela é, em grande parte também, nossa aventura, nossa felicidade"(ARRIGUCCI, 1992, pp19).

O domínio da leitura e da escrita é fundamental para qualquer ser humano, já que vivemos em um mundo muito complexo, no qual os códigos socialmente construídos precisam ser decodificados por nós o tempo todo, além disso não se pode esquecer que através da mensagem escrita veiculam-se informações que tornam a vida do ser humano mais rica, social e culturalmente.

Encontramos em ZILBERMAN (1982) uma forte defensora da importância da leitura e da necessidade em se oferecer boa literatura ao aluno. Em seu texto "A leitura na escola", a autora diz que a leitura é uma descoberta de mundo e sua interpretação vai depender das experiências de cada um, sendo então mediadora entre o ser humano e seu presente. A autora fala sobre toda pessoa estar apta a desenvolver a habilidade de ler, mas precisar de estímulos para que isto aconteça e cita, como exemplo de valorização da leitura, os Iluministas que viam o livro como instrumento para a divulgação do conhecimento.

Em seu livro "Alfabetização e Lingüística", CAGLIARI (1993) fala sobre a importância da leitura e sobre o dever da escola em ensinar ou despertar o aluno para esta prática. Segundo ele

"A leitura é a extensão da escola na vida das pessoas. A maioria do que se deve aprender na vida terá de ser conseguido através da

leitura fora da escola. A leitura é uma herança maior do que qualquer diploma" (CAGLIARI, 1993, pp148).

ORLANDI (1985) debate a leitura como sendo uma questão lingüística, pedagógica e social. Segundo ela, a linguagem é mediadora (transformadora) entre os homens e sua realidade social e natural e, sendo assim, a leitura deve ser considerada não no seu aspecto de decodificação, mas de compreensão.

Independente de como é enfocada, constatamos que a leitura, na escola ou fora dela, tem despertado cada vez mais a atenção do meio acadêmico quando consultamos a biblioteca da FE-UNICAMP que, com seu sistema de consulta em rede com as demais bibliotecas da Universidade, nos apresentou mais ou menos 290 títulos relacionados ao tema leitura (isto no início de nossa pesquisa). Na atual literatura encontramos muitos textos, livros, artigos, entre eles estudos sobre a criança e seu contato com a escrita e a leitura, principalmente no período da alfabetização. Notamos, ao mesmo tempo, uma preocupação com o assunto não só por parte de professores, como também de Lingüistas e profissionais de outras áreas que tem a ver com Educação.

Toda a atenção que está sendo dispensada ao tema sobre o qual estamos falando, segundo ZILBERMAN (1988), tem relação com uma crise de leitura que foi diagnosticada ao final dos anos 70 e caracterizou-se pela ausência dos estudantes nas bibliotecas, ou seja, percebeu-se que a maioria dos alunos somente visitava a biblioteca para consultar, com o único objetivo de realizar trabalhos escolares. Foi a partir de então que o tema leitura passou a ganhar cada vez mais importância, principalmente no meio acadêmico.

GARCIA e AMATO (1989), no trabalho "A biblioteca na escola", também fazem referência a esta crise de leitura da qual fala ZILBERMAN (1988), isto porque debatem a necessidade da biblioteca incentivar e viabilizar o hábito da leitura, já que a maioria dos alunos só visitam a biblioteca como se estivessem cumprindo uma obrigação.

A leitura, além de uma necessidade, pode ser antes de mais nada, um prazer. O problema enfrentado pelos pais, professores, e por todos aqueles que se interessam pela questão do gosto pela leitura é o de como fazer da leitura um hábito, e, mais ainda, como fazer deste hábito um prazer. Neste sentido, percebemos que a escola pouco colabora, pois acaba priorizando a quantidade em detrimento da qualidade de leitura.

É relevante salientar, em se tratando da importância da leitura, que ela possibilita à uma pessoa o acesso ao conhecimento produzido e acumulado pela humanidade, além de favorecer a ocorrência de aprendizagens que não foram programadas ou objetivadas pelo professor ou pelo próprio autor. Este aprendizado tem sido denominado de aprendizado acidental, que, segundo WITTER (1987), ocorre sem um planejamento e sem que objetivos tenham sido traçados para que ele aconteça e ocorre sem hora e lugar pré-definidos. A autora coloca como sendo importante analisar o aprendizado acidental que tem relação com o comportamento e postura do professor e que influenciam no comportamento dos alunos, além de ter, também, relação com os colegas e o material didático. Dentro da discussão sobre o material didático e a aprendizagem informal, a autora focaliza o livro como sendo um dos principais veículos para esta aprendizagem.

Acreditamos assim, que a leitura enquanto lazer precisa ser mais valorizada, isto porque através dela também se adquire conhecimento. Além do que os livros representam uma opção de lazer das mais interessantes, porque eles têm a capacidade de tornar a vida mais alegre, através deles uma criança consegue se transportar para mundos que não existem em sua realidade imediata, mas onde ela encontrará amigos que talvez nunca mais esqueça. Isto vale não só para as crianças, porque qualquer pessoa, independente da idade, pode viver aventuras ou aprender muito sobre a vida, as pessoas e o mundo através deste companheiro fiel que é o livro.

Com relação ao incentivo para que a leitura se torne cada vez mais uma peça fundamental na vida das pessoas, CARVALHO (1989), em seu trabalho

sobre a prática da leitura, fala sobre sua viabilização e ressalta a importância de incentivos e estratégias para atrair leitores para a biblioteca, além de discutir sobre a organização de seu ambiente físico. Neste estudo encontra-se ressaltada a importância da escolha espontânea, ou seja, aquela que ocorre quando o aluno é incentivado a ir até a biblioteca escolher um livro sem ter que prestar conta desta leitura depois. É considerado como sendo relevante a divulgação de obras literárias que tenham vínculo com programas que possam ser apresentados na televisão, isto com o objetivo de chamar a atenção das pessoas para o fato de tais obras servirem como inspiração para a produção de filmes e outros eventos que não fazem parte do universo escolar. Neste trabalho são sugeridas atividades que podem ser facilmente realizadas no ambiente da biblioteca, com o objetivo de despertar o interesse pela leitura. Uma delas é a “hora do conto”, uma sessão de leitura coletiva em que uma pessoa se encarregaria de ler ou contar uma determinada estória.

Não há dúvida de que o interesse pela leitura precisa ser incentivado e cultivado, principalmente porque os livros têm como forte concorrente a TV, que é um importante meio de comunicação que prende a atenção das pessoas e as arrebatam, às vezes não deixando tempo disponível para a leitura de um bom livro. BABENGER (1986) discute este tema, dizendo que

“a tarefa do futuro consiste, portanto, em orientar as crianças para uma leitura sistemática e aumentar o tempo que elas gastam diariamente lendo. Se isso for deixado ao acaso, a televisão e outras ocupações se mostrarão mais convidativas. A incumbência de ganhar tempo para a leitura tanto se aplica ao trabalho escolar quanto às horas de folga”(BABENGER, 1986, P-52).

Como leitura e biblioteca são dois temas que se completam, pois um necessita do outro para existir, é necessário falar um pouco sobre a biblioteca escolar, porque consideramos de especial importância a existência da mesma e do seu uso pelos alunos, não só como importante instrumento de auxílio ao ensino da leitura e da escrita, como também de incentivo à leitura enquanto

lazer. Também é enfatizado no texto, a importância do adulto gostar de ler e transmitir este entusiasmo para que seja motivada a aproximação de crianças e livros.

No do trabalho de AMATO e GARCIA (1989), a biblioteca é considerada pelas autoras como sendo um recurso que não pode ser dispensado, tanto para a formação do educando, como para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem.

Outro trabalho que trata a questão das bibliotecas escolares, é de CAMPOS e BEZERRA (1989). Este trabalho chama a atenção para o caráter social de uma biblioteca escolar, isto porque este espaço se mostra como importante incentivador da leitura, além de viabilizar o acesso aos livros, que é mais difícil em se tratando das pessoas de baixa renda. O trabalho coloca a biblioteca como um espaço estratégico porque, se for bem utilizado, poderá se tornar importante aliado do estudante no caminho da busca do conhecimento. As autoras colocam que, nos dias de hoje, os limites domésticos já não são suficientes para suprir as necessidades de leitura impostas pela nossa sociedade, daí a importância das bibliotecas terem caráter social.

É importante considerar, em se tratando de bibliotecas, a importância da organização de seu espaço físico. AMATO e GARCIA (1989) acreditam que o ambiente da biblioteca deve ser dinâmico e motivador, onde devem ser desenvolvidos programas para se incentivar a leitura, tais como: cineminhas, dramatizações, teatro de sombras, fantoches e outras representações com base em histórias contadas em livros, tudo visando despertar o interesse pela leitura e, conseqüentemente, pelos livros. Assim, a biblioteca deve ser organizada no sentido de atrair os leitores.

FIAD e CARBONARI (1985) acreditam que o ambiente de leitura influencia, e muito, a interpretação que o leitor faz dos textos que lê. Segundo as autoras:

"A multiplicidade de leituras que um mesmo texto pode ter não resulta do próprio texto em si, produzido em condições de produção específicas, mas sim resulta dos múltiplos sentidos que se produzem nas diferentes condições de produção de leitura. Em cada leitura, mudadas as condições de sua produção, temos novas leituras e novos sentidos por elas produzidos" (FIAD E CARBONARI, 1985 PP36).

Concordamos com os autores que consideram uma biblioteca como sendo importante dentro da escola, e que não basta a existência de uma sala com livros e que todos a chamem de biblioteca; é necessário que seja dada uma atenção especial a este importante espaço, que merece ser explorado não só pelos alunos, mas por todos aqueles que freqüentam a escola. Uma biblioteca escolar precisa, antes de mais nada, ser bem organizada, para que possa ser convidativa e facilitar o acesso aos livros.

Percebemos a preocupação dos autores mencionados até aqui com a necessidade de valorização do espaço biblioteca escolar. É relevante dizer que uma biblioteca requer cuidados especiais e pessoas especializadas (bibliotecários) para que sua organização e funcionamento sejam viabilizados. Como sabemos que isto nem sempre é possível, destacamos que outros profissionais também podem realizar tal trabalho, desde que procurem informar-se a respeito do assunto. O fundamental, porém, é que as pessoas envolvidas com a organização de uma biblioteca tenham tempo disponível e vontade de realizar um bom trabalho.

MARTINEZ (1990) nos proporciona um exemplo de como a organização e seriedade são imprescindíveis para a realização de qualquer trabalho. A autora nos relata que conseguiu dar vida nova à biblioteca de uma escola de periferia que contava, no início da pesquisa, com uma sala com livros empilhados. Começando por conhecer os frequentadores antigos da biblioteca (na época desativada), a pesquisadora conseguiu informações sobre o relacionamento entre alunos e biblioteca e foi quando percebeu que este espaço era de especial importância para os alunos. As dificuldades enfrentadas e às vezes até a

frustração frente a elas não foram suficientes para que o atendimento aos usuários, no decorrer do processo, fosse interrompido. A preocupação da autora foi de facilitar o acesso espontâneo ao livro, já que a abertura da biblioteca acontecia no horário do recreio e os alunos tinham liberdade de ir ou não visitá-la para fazer leitura silenciosa no local ou para retirar um livro. No decorrer da pesquisa, a adesão dos alunos ao trabalho da pesquisadora foi fator determinante para o bom andamento do mesmo e, isto ficou evidente quando a autora diz:

"Com o passar do tempo e, especialmente no segundo semestre, senti uma crescente receptividade do trabalho por parte de professores, isto é, os alunos, que desde o início inseriram-se total e espontaneamente no trabalho, conduziram, agora, os professores, a participarem dele" (MARTINEZ 1990. Pp69).

Ela revela que alguns alunos chegaram a ajudá-la na limpeza da biblioteca e sua organização, e que isto aconteceu espontaneamente quando perceberam que a pesquisadora precisava de mais pessoas, além das duas estagiárias que a acompanharam por algum tempo, para ajudar no trabalho na biblioteca.

MARTINEZ (1990) salienta, ainda, que o incentivo é muito importante para a formação de um bom leitor, para o que não é suficiente o saber ler e que a formação dos educadores é um dos fatores responsáveis pela falta de incentivo da leitura enquanto lazer. Em suas palavras:

"A própria formação dos educadores compromete a importância dada à leitura como uma atividade de lazer, uma vez que pouca ou nenhuma ênfase é atribuída, por exemplo, ao papel que o livro pode ter no contexto social e emocional da criança" (MARTINEZ, 1990.PP7).

Preocupados com a valorização da leitura tanto enquanto necessidade como lazer, foi que decidimos realizar o presente estudo, no qual a leitura enquanto prazer é o destaque. Nossa preocupação principal foi de estimular o "ler" num momento de lazer, o recreio, procurando mostrar que o livro pode ser fonte de prazer.

Percebemos que o lazer nem sempre é incentivado para as pessoas com Síndrome de Down, isto porque quem é considerado “deficiente” não têm as mesmas oportunidades que os outros, e isto não acontece só com relação as exigências do mercado de trabalho, mas também com relação as oportunidades de lazer. Porém, através de atividades livres muitos conceitos podem ser ensinados. Ainda, não se pode esquecer que estas pessoas têm curiosidade pela vida e pelo mundo como qualquer outra pessoa, e se lhes for oferecida oportunidade de acesso à leitura e a escrita, saberão valorizar esta oportunidade.

Foi pensando sobre isto e trabalhando em uma escola que atende a crianças e adolescentes com esta Síndrome, que resolvemos aproveitar uma oportunidade que nos surgiu de trabalhar no sentido de motivar a leitura enquanto lazer, isto porque percebemos que o espaço da biblioteca não era utilizado no horário do recreio. Decidimos, então, viabilizar o uso desta biblioteca neste horário para poder sentir qual a receptividade que teria junto aos alunos.

Com relação a literatura sobre o assunto Síndrome de Down e leitura, chegamos a conclusão que é um pouco escassa e também não encontramos nenhum estudo que trate do uso da biblioteca por pessoas com S. D..

Para esclarecer, é importante comentar que as pessoas com esta síndrome possuem 47 cromossomos em cada célula e não 46, como as outras pessoas; assim a criança com Síndrome de Down possui cromossomo extra que fica agregado ao par 21. Isto é causado por uma alteração genética e o cromossomo extra pode ser tanto proveniente do processo de meiose da mãe quanto do pai. Esta síndrome também é conhecida como “Trissomia do 21”. Esta trissomia pode ser de três tipos: trissomia padrão, quando a pessoa apresenta 47 cromossomos em todas as células do seu corpo e tem no par 21 três cromossomos; mosaicos, quando ocorre uma mistura de células com 46 cromossomos e células com 47 cromossomos (com três cromossomos 21); e a translocação, quando a pessoa com Síndrome de Down tem 46 cromossomos no seu cariótipo e o cromossomo extra está aderido a um outro par, em geral o 14.

O médico inglês Langdon Down foi o primeiro a descrever (em 1866) as características de uma criança com esta síndrome, que leva o nome de Síndrome de Down em sua homenagem.

Em seu trabalho sobre a alfabetização de crianças com Síndrome de Down, FARIA (1993) nos conta que as pessoas com esta síndrome permaneceram por muito tempo consideradas como sendo incapazes de desenvolver as menores habilidades, cuidados pessoais e socialização. A autora também faz referência ao reduzido número de pesquisas realizadas na área educacional com relação a essas pessoas. Segundo ela, os estudos mais recentes

"...têm mostrado que crianças portadoras de Síndrome de Down podem ser beneficiadas, quando participam de propostas educacionais que têm como objetivo oferecer as mesmas oportunidades disponíveis para crianças "normais", acrescidas das necessidades específicas das crianças portadoras de Síndrome de Down" (FARIA, 1993, PP11).

Nós acreditamos que a leitura é um importante recurso para se desenvolver a imaginação e o senso crítico de qualquer pessoa, seja ela deficiente ou não, jovem, velha ou criança. A leitura, independente da idade, é necessária para o crescimento pessoal e até para o auto-conhecimento. Assim, em nossa opinião, é importante fornecer a todas as pessoas, em especial as com Síndrome de Down, oportunidades de contato com a leitura.

O presente trabalho foi realizado no CDI (Centro de Desenvolvimento Integral), que é uma escola da Fundação Síndrome de Down. Esta escola conta com dois projetos que se referem à organização de uma biblioteca escolar. O primeiro deles, datado de 22 de Agosto de 1985, cuja responsável foi a professora Livre Docente em Psicologia do Desenvolvimento Elza M. Stella Prorok, tem como título "Uma biblioteca para crianças com Síndrome de Down e suas famílias". Este projeto foi enviado ao CNPq na expectativa de se obter auxílio financeiro para a implantação e operação de uma biblioteca, que na

época era inexistente no CDI (que iniciou suas operações em Fevereiro do mesmo ano do projeto - 1985).

Neste projeto, o que nos chamou a atenção foi o item de número 3 dos objetivos de realização a médio e longo prazos:

3- "Desenvolver e operar uma área de lazer criativo, onde as crianças possam ouvir, ler e/ou contar histórias, com supervisão e planejamento conforme o desenvolvimento individual"(STELLA-PROROK, 1985).

Neste item, encontramos a preocupação em criar um espaço onde as crianças pudessem ter um contato agradável com os livros, e nossa atenção foi despertada porque trabalharemos nesse sentido, ou seja, temos como propósito principal dinamizar o espaço da biblioteca a partir de atividades que serão realizadas neste ambiente, a fim de torná-lo cada vez mais atraente.

O segundo projeto é bem recente, data do ano de 1995, e visa a "criação de uma Biblioteca, Videoteca e Fitoteca para crianças e jovens portadores da Síndrome de Down, e para pesquisadores interessados na educação de portadores da Síndrome de Down".

É interessante a existência destes projetos porque revela uma preocupação que acompanha o CDI desde sua criação: organizar uma biblioteca que possa atender a demanda da própria escola e que ultrapasse os limites desta.

Apesar de contar com estes projetos que ainda não foram concretizados, a escola tem hoje sua biblioteca que se divide em INFANTIL e de ADULTOS. A biblioteca Infantil (que será objeto para o nosso estudo) conta hoje com cerca de 800 livros, entre infantis e infanto-juvenis, segundo informações da escola.

É relevante registrar que a biblioteca de adultos do CDI teve origem a partir de empréstimos de livros de propriedade dos funcionários da escola. Já a infantil começou com doações de pais de alunos e professores para as bibliotecas de classe (segundo informações da escola).

Dentro deste quadro, a nossa preocupação é com a utilização desta biblioteca e as perguntas que nos fazemos são:

- ◊ - Como crianças e adolescentes com Síndrome de Down, entre 10 e 17 anos, fazem uso da biblioteca como uma opção de lazer no horário de recreio em sua escola?
- ◊ - Este uso é freqüente ou esporádico ?
- ◊ - Se houvesse um programa motivacional visando despertar o interesse pela biblioteca (leitura), neste horário, este uso sofreria alguma alteração ?

2 . OBJETIVOS

Diante de tais questões nos propomos a desenvolver o presente trabalho, que tem como objetivos:

- ◊ - Possibilitar o acesso à biblioteca para alunos com Síndrome de Down na faixa etária de 10 a 17 anos, no horário do recreio em sua escola.
- ◊ - Descrever e analisar as possíveis mudanças que possam ocorrer na maneira como acontece esta utilização durante a aplicação de um programa de intervenção que terá como enfoque a motivação para a leitura.

3 . MÉTODO

- LOCAL DO ESTUDO

O presente estudo foi realizado no CDI (Centro de Desenvolvimento Integral), que atende pessoas com Síndrome de Down na faixa etária de 0 a 17 anos. Esta escola é mantida pela Fundação Síndrome de Down, que é uma entidade sem fins lucrativos bastante preocupada com o desenvolvimento da pessoa com S. D..

Nesta escola, os alunos são divididos em turmas, conforme a idade e o desenvolvimento. O atendimento, desde os bebês até os adolescentes, é feito por uma equipe técnica que inclui fonoaudióloga, pedagoga, fisioterapeuta (para os pequenos) e professor de educação física (para os maiores).

- PARTICIPANTES

Participaram deste trabalho alunos dos grupos 6, 7 e 8 que se encontravam (na época da pesquisa) na faixa etária entre 10 e 17 anos. Colocamos a seguir alguns dados referentes ao contato destes alunos com a leitura que nos foram passados pelas professoras dos grupos.

O G6 contava com sete alunos, na época da pesquisa (oito no início) com idades entre 10 e 12 anos. Com relação à leitura, com exceção de um, que lia frases curtas, todos faziam leitura intuitiva (quando a leitura não tem como base o conhecimento efetivo daquilo que está escrito, é mais memorização do que compreensão) de textos, baseando-se em algumas palavras que foram memorizadas e palavras acompanhadas por desenho.

Dentre os nove integrantes do G7, cinco realizavam leitura intuitiva de textos que tivessem sido trabalhados em sala, e os demais liam também outros textos que não tivessem sido trabalhados pelo grupo, embora apresentassem alguma dificuldade com estes últimos. Os alunos deste grupo adoravam ler e ouvir histórias.

E o G8 contava com dez alunos com idades entre 12 e 17 anos. Neste grupo, dois alunos realizavam a leitura intuitiva, necessitando do apoio de desenhos junto com as palavras e do apoio do adulto para compreender o texto como um todo. Cinco alunos já não mais necessitavam do apoio do desenho e conseguiam formar palavras apresentando alguma dificuldade ao trabalhar com sílabas mais complexas ou palavras novas, e ainda requeriam apoio do adulto no que se referia à compreensão geral do texto. Já os três restantes, conseguiam ler os textos e compreender o aspecto geral, além de apresentarem poucas dificuldades.

- PROCEDIMENTO DE TRABALHO

Este trabalho, com duração de 1 ano (2º sem. de 1995 e 1º sem. 1996), teve seu início em Setembro/95 e foi desenvolvido na biblioteca do CDI, inicialmente com os alunos dos grupos 6, 7 e 8, e ao final apenas com o G7 e o G8. O nosso trabalho consistiu fundamentalmente em colocar o espaço da biblioteca à disposição daqueles que se interessassem e se dirigissem espontaneamente ao local, no horário do recreio. Os alunos tinham a liberdade de escolha entre ir à biblioteca ou participar das outras atividades que eram oferecidas neste horário, tais como ouvir música no pátio ou ir ao parque.

Para desenvolver o trabalho, procedemos inicialmente com uma divulgação com o objetivo de atrair os alunos para a biblioteca no seu horário de recreio. Esta divulgação ocorreu através de conversas com os grupos sobre as

atividades que seriam desenvolvidas na biblioteca, quando então entregamos os convites individuais (vide anexo nº 1). Depois deste primeiro momento, passamos a entregar panfletos para serem fixados nas salas de aula informando sobre os dias em que a biblioteca estaria funcionando. Tais calendários eram referentes aos meses de Novembro/95 (vide anexo nº2), Fevereiro, Março, Abril e Maio/96, que foram entregues no início de cada mês de atividade.

No mês de Março/96 colocamos um cartaz (vide anexo nº 3) na porta da biblioteca com a identificação “Biblioteca Infantil Monteiro Lobato”.

Após a primeira divulgação, demos início ao trabalho na biblioteca. Para isto, esta pesquisadora ficava presente, nos dias estipulados e previamente divulgados, na biblioteca à espera dos alunos que para lá se dirigissem.

A divulgação também era feita verbalmente, por esta pesquisadora ou pelos profissionais que acompanhavam o lanche ou a escovação de dentes, tentando chamar a atenção dos alunos para mais esta opção de recreio.

Quando os alunos chegavam à biblioteca desenvolvíamos algumas atividades, conforme descrito a seguir.

- AS ATIVIDADES REALIZADAS

As atividades realizadas na biblioteca se desenvolveram, principalmente no início do trabalho, através de “rodas de leitura”, em que os livros foram inicialmente escolhidos por esta pesquisadora para serem lidos em voz alta na roda por ela mesma ou por um aluno (se alguém se dispusesse). A escolha dos livros, depois da 3ª sessão, passou a ser feita pelos alunos e a leitura em roda era realizada principalmente pela pesquisadora a pedido das crianças, embora tenha sido incentivado que um aluno o fizesse. Em cada encontro procuramos ler um

livro diferente, mas algumas vezes lemos um livro até em dois encontros à pedido dos participantes.

Além das rodas de leitura, tivemos muitos encontros em que os participantes fizeram leitura individual e silenciosa. Nestas sessões fornecíamos auxílio na leitura para aqueles que pediam ajuda.

Dependendo da estória, utilizamos dinâmicas como atribuir personagens aos participantes, realizando um teatro de vozes para que houvesse uma maior participação dos alunos.

Para aqueles que optassem por permanecer na biblioteca, porém fora da roda, foram oferecidos livros para leitura silenciosa.

- DADOS COLETADOS

A coleta de dados foi realizada através de registros escritos em fichas previamente elaboradas (anexo nº 4). Registramos:

- ◊ - o número de alunos presentes;
- ◊ - o nome de cada aluno;
- ◊ - o tempo de permanência de cada um;
- ◊ - os nomes dos livros manipulados (quando possível).
- ◊ - o modo como os livros foram manipulados por cada um dos presentes (isto muitas vezes não foi possível porque esta pesquisadora tinha que participar da roda de leituras);

Realizamos também entrevistas, que foram gravadas, com vários alunos dos grupos que estavam participando do trabalho. As questões feitas tiveram

como objetivo buscar informações sobre como os participantes da pesquisa estavam sentindo o nosso trabalho. Na primeira fase de entrevistas (2º sem. 1995) entrevistamos dois alunos que foram participantes assíduos da atividade de leitura na biblioteca, oito que participaram de 2 a 6 sessões e dois que nunca participaram. No segundo momento (1º sem. de 1996), foram entrevistados: um aluno que foi o mais assíduo participante do período, duas alunas que tiveram uma presença razoável e duas alunas que nunca participaram.

4 . ANÁLISE

4.1. QUANTO À DIVULGAÇÃO

A divulgação foi uma de nossas primeiras preocupações, isto porque a consideramos a mola propulsora do trabalho que desenvolvemos. Ela se torna muito mais importante se considerarmos que a nossa atividade de leitura na biblioteca, por acontecer em horário de recreio, concorria com a música que era colocada para quem ficava no pátio e, na maioria das vezes, com o parque. Este horário, que precedia o horário do lanche, era reservado para brincadeiras não dirigidas.

No primeiro dia da atividade passamos em cada uma das salas de G6, G7 e G8 para conversar brevemente com os alunos sobre a atividade que estaríamos realizando naquele dia e no restante do semestre. Também fizemos a entrega de um convite (vide anexo 1) para cada aluno, onde constavam os horários e local da atividade de leitura. Falamos sobre o livro que estaríamos lendo, que foi “Reinações de Narizinho” do autor Monteiro Lobato.

Aproveitamos para ler junto com cada grupo o que estava escrito no convite, em voz alta. O fato de cada aluno receber um convite com seu nome se mostrou positivo e gerou uma grande empolgação. Neste dia, a presença na atividade foi a maior de todo o período, com um total de 11 participantes.

Um outro momento importante de nossa divulgação foi quando entregamos um calendário para o mês de Novembro/95 (vide anexo 2), onde assinalamos os dias em que abriríamos a biblioteca no horário do recreio. No primeiro semestre de 1996 fizemos a entrega dos calendários no início dos meses de Março, Abril e Maio. Com relação a Fevereiro, o calendário não foi entregue no início do mês porque as aulas foram retomadas na segunda semana, o calendário foi entregue, portanto somente na 3ª semana do mês.

Após a entrega dos calendários no início do mês, a divulgação era feita verbalmente por nós ou pelos profissionais que acompanhavam os grupos no horário do lanche e da escovação de dentes, ou pelos profissionais que atuavam com os grupos, em sala.

No mês de Março/96 colocamos um cartaz na porta da biblioteca com a identificação “Biblioteca Infantil Monteiro Lobato” (anexo 3).

De todas as estratégias usadas, a que demonstrou mais resultado foi o convite que entregamos aos alunos no começo da pesquisa. Este convite teve o objetivo de marcar o início de nosso trabalho e não foi entregue no decorrer do mesmo, sendo substituído pela entrega de um calendário mensal constando as datas nas quais a biblioteca seria aberta no recreio.

O convite inicial teve um impacto forte, talvez por configurar uma novidade. Era algo novo que estava sendo proposto. Já o calendário mensal não configurava uma novidade, daí sua força atrativa ser menor, além do que, tratava-se de um calendário mensal, portanto com informações relativas a um tempo muito longo para crianças com Síndrome de Down. Um outro motivo para o menor impacto do calendário pode ser o fato deste não ter sido entregue individualmente, ou seja, cada grupo recebia um calendário e o fixava em uma das paredes da sala de aula para que a turma toda pudesse ficar informada.

De qualquer modo, parece que é importante que se crie algumas estratégias que possam atrair os alunos para a biblioteca. Talvez, se tivéssemos feito um convite semanal e um calendário mais atraente e menos espaçado no tempo, teríamos atraído mais leitores para a biblioteca.

4.2 . QUANTO AO ESPAÇO FÍSICO DA BIBLIOTECA

No início de nosso trabalho a sala da biblioteca era também utilizada como sala de vídeo. Notamos, trabalhando na escola, que os alunos tinham aquela sala muito mais como sala para assistir filmes do que para ler. Isto foi

confirmado quando em nossas primeiras sessões alguns alunos entraram na sala perguntando se iríamos ver filmes. Nossa preocupação consistiu também em resgatar a identidade daquela sala enquanto biblioteca. No decorrer de nossa pesquisa o vídeo foi transferido para uma outra sala e uma mesa redonda que ficava na biblioteca também foi tirada. O resultado disto foi que ganhamos mais espaço para realizar as nossas atividades.

É importante falar também sobre a disposição física dos livros, no início de nossa pesquisa, principalmente da biblioteca infantil. Existe uma prateleira fixa na parede, feita de cimento, com dois compartimentos reservados aos livros, e no restante havia materiais diversos. Os livros ficavam todos juntos na vertical, com a capa totalmente escondida para os olhos do leitor, o que, na nossa opinião, dificultava a procura de um determinado título ou autor, sem falar que para as crianças que estão iniciando o contato com a leitura e a escrita, isto acabava sendo um obstáculo à mais. Além desta prateleira, existe uma pequena estante de arame em que os livros eram colocados com a capa à mostra, porém nesta estante cabem poucos livros e durante o 2º semestre de 1995 somente uma coleção ficou exposta. Vale destacar que os livros mais escolhidos pelos alunos faziam parte desta coleção. Concluimos que a boa exposição desta coleção favoreceu uma maior leitura de seus títulos.

No primeiro semestre de 1996, segundo momento de nosso trabalho, tivemos oportunidade de organizar melhor esta disposição. Durante a 1ª semana do mês de Fev/96 a equipe técnica da escola esteve reunida para o planejamento anual. Ao final deste planejamento, esta pesquisadora, juntamente com alguns componentes da equipe, fizeram uma reorganização da biblioteca infantil, que consistiu em:

- separar os livros e colocar etiquetas coloridas segundo o grau de dificuldade de leitura que apresenta, se tem pouco ou muito texto, por exemplo;
- retirar os livros que estivessem rasgados ou com páginas descoladas para serem consertados;

- mudar a disposição dos livros nas estantes, colocando o máximo possível de títulos com a capa à mostra, para facilitar a escolha quando o leitor procurar um determinado livro.

Um fato que observamos, e que demonstra que esta mudança na organização do espaço físico da biblioteca foi positiva, é que os participantes manusearam um número maior de livros fora da roda de leituras, se compararmos o 1º semestre de 1996 com o 2º semestre de 1995, também observamos que foram retirados mais livros da prateleira fixa do que da estante de arame, o que representou uma novidade.

4.3. QUANTO ÀS SESSÕES

As atividades de leitura aconteceram duas vezes por semana, sendo nas segundas e quartas-feiras no horário do recreio dos grupos 6, 7 e 8. O tempo de duração de cada uma das sessões foi de 20 minutos, aproximadamente, e tivemos um total de dezenove sessões de leitura no segundo semestre de 1995 e vinte e cinco sessões no 1º semestre de 1996.

É importante salientar que no primeiro semestre de 1996 contamos com a participação do G6 somente até Março e do G7 e G8 até o final do trabalho. O G6 teve sua participação interrompida porque seu horário de recreio foi antecipado (que antes era das 10:30 às 11:00 h e passou a ser das 10:00 às 10:30 h), passando a integrar o recreio dos grupos 4 e 5. Esta mudança ocorreu devido a uma reorganização interna da escola e com isto dois alunos deste grupo (El e Thi) passaram a fazer parte do G7, continuando a participar de nossas atividades. O G7 passou, então, a contar com esses dois alunos vindos do G6, e teve um de seus alunos (Ga) transferido para o G8. Assim, iniciamos este ano de 1996 contando com um total de 26 possíveis participantes que integravam o G6, G7 e G8, porém a partir de 20/04 passamos a contar com 21 possíveis participantes dos grupos 7 e 8.

Para realizar a análise dos dados sobre as sessões de leitura, comparamos as fichas de registro de cada sessão (vide anexo 4) com o objetivo de traçar uma trajetória do uso da biblioteca, e buscamos verificar as mudanças que ocorreram, ou não, durante o período em que houve a pesquisa. Para isso, montamos, primeiramente, o quadro nº 1, que mostra a participação de cada aluno que passou pela biblioteca no horário de nossa atividade; dizemos passou, porque às vezes o aluno permanecia cerca de cinco minutos na biblioteca e sem participar da roda.

O quadro nº 1, de frequência por aluno, fornece uma visão geral de todas as sessões referentes ao 2º semestre de 1995, apresentando quais foram os alunos que passaram pela biblioteca, o que não quer dizer que permaneceram durante toda a atividade ou que participaram da roda.

Neste quadro, podemos observar que, num total de 19 sessões, obtivemos 87 participações de alunos, o que gerou uma média de, aproximadamente, 5 alunos por sessão. Nós consideramos uma boa média, visto que o momento do recreio é o horário em que, além dos três grupos se encontrarem, os espaços do pátio (em geral com música) e do parque estão disponíveis. Também é o único período livre para os alunos e a atividade de leitura representa uma opção a mais.

Quadro Geral de Frequência por Aluno (2º sem. 1995)																				
Nome	1ª	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª	7ª	8ª	9ª	10ª	11ª	12ª	13ª	14ª	15ª	16ª	17ª	18ª	19ª	T
JU (G8)	X			X	X						X	X						X		6
OT (G8)	X																			1
VI (G8)	X		X		X						X				X					5
KA (G8)	X			X	X	X		X			X	X							X	8
A. P. (G8)												X								1
AM (G7)	X														X					2
AL (G7)	X		X							X						X		X		5
GA (G7)	X	X	X					X		X		X	X	X	X	X	X	X	X	13
LEO (G7)	X	X	X	X		X	X	X			X	X	X	X	X	X			X	14
TA (G7)		X																		1
PA (G7)							X					X								2
CA (G7)								X												1
MA (G7)										X	X	X						X	X	5
ER (G7)																		X		1
EL (G6)	X	X	X					X								X	X			6
PL (G6)	X	X							X											3

GUG (G6)	X		X		X			X					X							5
JE (G6)			X					X	X											3
CA (G6)													X							1
FE (G6)																	X			1
THI (G6)															X	X	X			3
TOTAL																				87

Quadro nº1

O total de integrantes dos grupos G6, G7 e G8 era de 27 alunos no início do nosso trabalho na biblioteca (2º semestre de 1995) e considerando que 21 tiveram contato com a nossa atividade de leitura, pode-se concluir que tivemos uma participação de 78% dos alunos. Trata-se, a nosso ver, de uma participação significativa. É relevante colocar que não houve constância nas frequências, que variou de 02 até 11 participantes por encontro. Alguns alunos tiveram um índice de frequência bem alto; foi o caso do Leo (G7), que participou em 74% das sessões e o Ga (G7), que frequentou 68% das vezes. Por outro lado, tivemos um total de sete alunos que estiveram presentes somente uma vez em nossa atividade.

Considerando a frequência por grupo, tivemos o seguinte:

- Grupo 6: somente uma criança desse grupo não visitou a biblioteca e a maioria participou da roda de leituras;
- Grupo 7: todos visitaram a biblioteca, sendo que a maioria participou da roda de leituras;
- Grupo 8: a metade, ou seja, 5 alunos de um grupo com 10 integrantes passaram pela biblioteca e, destes cinco, apenas um não participou da roda.

A participação por grupo em percentuais, com relação ao total de participações, teve como resultado que o G7 foi o que mais frequentou a atividade, 51% de presença, o G6 ficou com 25% e o G8 com 24% das presenças.

Prosseguindo nossa análise, elaboramos o quadro nº2 (abaixo), onde aparecem as frequências do mês de Fev/96 e do mês de Mar/96 somente até o

dia 18, porque a partir da atividade do dia 20/03 não contamos mais com a participação do G6 em nossa pesquisa, como já colocamos anteriormente.

Quadro Geral de Frequência por Aluno (Fev./Mar de 1996)																			
Nome	20*	21*	22*	23*	24*	25*	26*	27*											T
JU (G8)	X		X	X			X												4
VI (G8)	X																		1
KA (G8)	X						X												2
A. P. (G8)	X			X															2
AL (G7)		X					X												2
GA (G7)		X	X				X												3
LEO (G7)	X	X	X	X	X	X	X	X											8
PA (G7)					X	X	X												3
MA (G7)			X																1
PL (G6)							X												1
GUG (G6)		X			X														2
CA (G6)		X			X		X												3
FE (G6)				X															1
THI (G6)	X																		1
TOTAL																			34

Quadro nº2

Iniciamos este ano de 1996 contando com um total de 26 possíveis participantes que integravam o G6, G7 e G8, porém a partir de 20/04 passamos a contar com 21 possíveis participantes dos grupos 7 e 8. Podemos observar no quadro nº 2 que dentre o total de 34 participações ocorridas, 17 foram do G7, 9 do G8 e 8 do G6. Isto significa em percentuais que o G6 ficou com 24% das participações, o G8 com 26% e o G7 com 50% das participações. Da mesma forma que no período anterior (2º semestre de 95), o G7 teve uma participação mais expressiva se comparada à dos demais grupos, isto porque teve metade do total de presenças em nossa atividade. Considerando que contávamos com um total de 26 possíveis participantes dos três grupos envolvidos na pesquisa, neste período tivemos um percentual de 54% de participação, isto porque 14 alunos visitaram a biblioteca no horário do recreio.

Considerando por grupos, temos:

- Grupo 6: cinco alunos tiveram contato com nossa atividade, num total de sete integrantes;

- Grupo 7: cinco alunos participaram de nossa atividade, num total de nove integrantes;

- Grupo 8: quatro entre dez integrantes participaram de nossa atividade.

Podemos observar que nas atividades referentes a Fev. e Mar. houve uma freqüência marcante do Leo (G7) que não faltou a nenhuma de nossas sessões. Também é importante colocar que considerando que tivemos 8 sessões e 34 participações, a média de presença por sessão foi de 4 alunos.

No quadro nº 3 (abaixo) apresentamos a freqüência por aluno a partir do dia 20/03/96, quando então passamos a contar com apenas a participação do G7 e G8. Considerando que os dois grupos apresentam um total de 21 integrantes e que 15 tiveram contato com a nossa atividade, obtivemos um total de 71% de participação. Com relação aos grupos envolvidos, tivemos o G7 com 51 presenças, o que representa 65% de participação, e o G8 com 28 presenças, o que representa 35% de participação. Mais uma vez, como nos dois quadros anteriores, o G7 é o grande participante e é necessário lembrar que o Leo (G7) foi um dos participantes mais assíduos, com um total de 16 participações, seguido da Al (G7) com 11 e El (G7) com 10.

Quadro Geral de Freqüência por Aluno (1º sem. 1996)																				
Nome	28*	29*	30*	31*	32*	33*	34*	35*	36*	37*	38*	39*	40*	41*	42*	43*	44*			T
JU (G8)		X			X		X		X						X					5
LI (G8)					X	X			X	X			X	X	X		X			8
VI (G8)				X											X	X				3
KA (G8)	X	X	X	X		X														5
OT (G8)														X						1
GA (G8)	X	X		X	X	X														5
VA (G8)																X				1
AM (G7)					X															1
AL (G7)	X	X	X	X	X		X			X	X	X			X		X			11
LÉO (G7)	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		X	X			16
PA (G7)	X	X								X	X	X								5
MA (G7)						X				X	X	X	X							5
ER (G7)															X					1
EL (G7)						X	X	X	X	X	X	X	X	X	X					10
THI (G7)						X		X												2
TOTAL																				79

Quadro nº3

Como se pode verificar neste quadro nº 3, a participação dentro dos grupos ficou assim:

- do G7 tivemos uma participação de oito alunos num total de dez, o que significa que 80% dos alunos deste grupo tiveram contato com nossa atividade;

- do G8 tivemos uma participação de sete alunos num total de onze, o que representa 64% de participação.

O número de alunos presentes nas sessões variou de 3 a 7, e considerando que tivemos um total de 17 sessões com 79 presenças, a média de alunos por sessão foi de aproximadamente 5.

Analisando os três quadros, podemos perceber que a média de aluno por sessão variou bem pouco, se considerarmos que com relação ao quadro nº 1 obtivemos uma média 5, com relação ao quadro nº2 uma média de 4 e analisando o quadro nº5 a média foi de 5. Consideramos isto positivo, porque mostra que houve uma certa constância nas presenças, embora não tenha havido muita constância com relação aos alunos, ou seja, o Leo (G7) foi o que manteve mais constante sua presença, a Ju (G8) conservou um certo ritmo de presença, já a Li (G8) só participou na última fase da pesquisa (1º sem. 1996, quadro nº3). Quanto aos outros casos de participações esporádicas, podemos citar TA (G7) que visitou a biblioteca somente na 3ª sessão, tendo permanecido cerca de cinco minutos naquele ambiente, após perguntar se haveria sessão de vídeo. Ficou claro que TA se dirigiu até a biblioteca atraída pelo fato desta também ser sala de vídeo (no início da pesquisa); e a CA que compareceu em um encontro somente.

Consideramos que a participação dos grupos envolvidos na pesquisa foi boa e podemos arriscar até que a biblioteca tenha ganhado espaço no horário de recreio, pelo menos durante o período em que a mantivemos aberta como opção de lazer.

Para uma visão melhor da questão da permanência na atividade, elaboramos o quadro nº 4 (abaixo). O quadro apresenta o nº total de alunos por sessão (no 2º sem. de 1995), o nº de participantes na roda, o nº de alunos que permaneceram o tempo todo em atividade e os livros que foram manipulados pelos alunos. Analisando a 2ª e 3ª colunas do quadro nº4, podemos visualizar que a maioria dos frequentadores da biblioteca também participavam da roda, isto porque poucos alunos escolhiam ficar fora da roda, talvez até por uma questão de espaço (a sala é pequena).

Quadro Geral de Frequência por Sessão (2º sem. 1995)				
Data	Nº Alunos	Nº Particip. da Roda	Nº Particip. Tempo Integral	Livro
1ª	11	11	06	Reinações de Narizinho
2ª	05	03	03	Reinações de Narizinho
3ª	07	07	04	O gambá que não sabia sorrir
4ª	03	03	03	Um grito na mata
5ª	03	02	02	O burrinho insatisfeito
6ª	03	03	03	Cinderela e O rato do campo e o rato da cidade
7ª	02	02	02	Branca de Neve
8ª	06	05	05	O pássaro da chuva
9ª	03	03	03	Quem vê você e Um dia cheio
10ª	03	03	02	Revista da Mônica
11ª	05	03	02	Chapeuzinho Vermelho
12ª	06	não houve	06	Cada aluno fez sua escolha
13ª	05	03	02	O menino e o muro e Chapeuzinho
14ª	02	02	02	Alice
15ª	04	04	03	Tum,tum,tum
16ª	05	05	04	O pequeno polegar e Patinho feio
17ª	04	04	03	Alice e Branca de Neve
18ª	06	não houve	04	Cada aluno fez sua escolha
19ª	04	04	02	Pluto no sítio e A formiga de Belinha

Quadro nº4

Observando o quadro, é possível também perceber que não realizamos a roda de leituras por duas vezes. Isto aconteceu por opção dos participantes, que foram chegando e escolhendo um livro e se sentando ou deitando nas almofadas para ler. Esta prática de leituras individuais aconteceu com mais frequência no 1º semestre de 1996, como se pode notar observando o quadro nº 5.

Com relação aos livros que foram lidos em roda, somente três foram lidos duas vezes. São eles: “Chapeuzinho Vermelho”, “Branca de Neve” e “Alice no país das maravilhas”.

A escolha dos livros a serem lidos em roda até a 3ª sessão foi feita pela pesquisadora, e somente na 4ª sessão foram apresentadas opções para os participantes escolherem. A partir da 6ª sessão, com exceção de um dia em que esta pesquisadora programou a leitura, os participantes começaram a retirar livros da prateleira para serem lidos na roda; geralmente sorteávamos, porque aparecia mais de um título.

O quadro de nº5 (abaixo), referente ao 1º semestre de 1996, apresenta o mesmo tipo de dados que o quadro nº4. Neste quadro fica claro que as rodas de leitura foram trocadas pela leitura individual em vários encontros, isto porque, num total de 25 encontros, em somente 13 foram realizadas rodas de leitura.

A posição desta pesquisadora, no decorrer deste segundo momento de trabalho, foi de deixar os participantes bem à vontade para escolherem entre a leitura coletiva ou individual; assim, quando os participantes se dirigiam à sala da biblioteca, esperávamos que algum aluno solicitasse que fosse feita a leitura coletiva de algum livro, e quando isto não acontecia, a roda de leituras não se realizava. Procuramos tomar cuidado em não induzi-los para a leitura coletiva.

Quadro Geral de Frequência por Sessão (1º sem. 1996)				
Data	Nº Alunos	Nº Particip. da Roda	Nº Particip. Tempo Integral	Livro
20ª	06	04	04	Peter Pan
21ª	05	Não houve	01	Cada aluno fez sua escolha.
22ª	04	02	04	A festa dos ursinhos
23ª	04	Não houve	04	Cada aluno leu 1 livro.
24ª	04	02	04	A mula s/cabeça e O macaquinho sapeca
25ª	02	02	02	Os dois amigos
26ª	08	Não houve	06	Cada aluno fez sua escolha.
27ª	01	01	01	Branca de Neve
28ª	05	02	04	Lebrinha , Lebrete e Bicho feio, Bicho bonito
29ª	06	05	02	Os três porquinhos e A galinha Linha e o Lobo Mau
30ª	03	Não houve	02	Cada aluno fez sua escolha.
31ª	05	Não houve	04	Cada aluno fez sua escolha.
32ª	06	Não houve	04	Cada aluno fez sua escolha.
33ª	07	Não houve	06	Cada aluno fez sua escolha.
34ª	04	02	02	O piquenique do Mickey
35ª	03	03	03	Fofinho
36ª	04	03	04	A dama e o vagabundo
37ª	06	Não houve	03	Cada aluno fez sua escolha.
38ª	05	03	04	Bambi
39ª	05	Não houve	04	Cada aluno fez sua escolha.
40ª	04	Não houve	02	Cada aluno fez sua escolha.
41ª	04	Não houve	02	Cada aluno fez sua escolha.
42ª	06	03	02	O piquenique do Mickey
43ª	03	03	01	Lebrinha e Lebrete
44ª	03	Não houve	01	Cada aluno fez sua escolha.

Quadro nº5

Observando este quadro nº 5 podemos notar que, como aconteceu no quadro anterior, nem sempre os participantes permaneciam na biblioteca todo o horário de atividade, também nem todos que visitavam a biblioteca participavam

das rodas de leitura. Como já salientamos, realizar ou não as rodas e participar ou não da leitura coletiva era opcional.

Os dois livros que foram lidos duas vezes em roda, foram: “Lebrinha e Lebrete” e “O piquenique do Mickey”.

No geral, com relação aos livros retirados nos encontros em que não houve roda de leituras, ou por aqueles alunos que não participavam da roda, através de nossos registros pudemos observar que os mais retirados foram: os livros da Coleção O Bolinha, Cinderela, Chapeuzinho Vermelho, Banzé aprende mais uma, A Galinha Linha e o Lobo Mau, Os bons amigos, Os contrários, A dama e o vagabundo e Peter Pan. É importante salientar que, em muitos encontros não nos foi possível registrar todos os livros que um aluno retirava, principalmente quando fazíamos roda de leitura e alguns alunos ficavam fora dela escolhendo livros para folhear ou ler. Também é relevante registrar que os livros, que foram lidos em roda, quanto melhor ilustrados mais chamavam atenção dos alunos.

É importante falar, também, sobre o comportamento dos alunos que, em geral, freqüentaram nossa atividade. Pudemos notar que os participantes da roda prestavam bastante atenção à estória que estava sendo lida, além deles, os que ficavam de fora, muitas vezes, também prestavam atenção à roda, mesmo estando com outro livro em mãos. Tudo isto foi possível observar através das fichas de registro.

Um comportamento que vale ser colocado aqui, é do GA (G7), que em alguns encontros retirou uma quantidade grande de livros das estantes, acontece que ele não conseguia se deter em nenhuma leitura, acabando por folhear todos eles. Em um de nossos encontros ele retirou das prateleiras os seguintes livros: Quem é um cão, Pluto no sítio, A dama e o vagabundo, Banzé aprende mais uma, A formiga de Belinha e Chapeuzinho Vermelho. Não conseguimos explicar o porquê deste comportamento, que em geral ocorria quando a leitura era individual. Será que ele não queria gastar o pouco tempo disponível tentando ler os textos (ele já lê), e por isso somente folheava? Ou será que, por ser um

momento de leitura livre ele aproveitava para conhecer mais livros? O que percebemos é que ele não retirava os mesmos livros, porém não parecia estar procurando por um título específico quando se colocava frente às estantes.

O Leo (G7) costumava participar de todas as rodas de leitura, e mesmo quando a leitura era individual ele solicitava que esta pesquisadora o auxiliasse. Ele foi o único participante a adquirir o hábito de sempre levar uma folha para ficar escrevendo (a estória que estava sendo contada, segundo ele) enquanto acontecia a leitura.

AL (G7), em muitas sessões, permaneceu pouco tempo, folheou vários livros e saiu dizendo que havia lido bastante e Li (G8) ficava sempre fora da roda e lia em voz alta.

As escolhas dos livros pelos alunos, até onde foi possível observar, foram mais visuais, ou seja, o aluno se colocava à frente da estante e retirava este ou aquele livro; aconteceram dois casos que fugiram à regra: KA (G8), procurou pelo livro João e Maria em um de nossos encontros, em outra ocasião PA (G7) procurou pelo Sítio do Pica-pau Amarelo.

De uma maneira geral, os alunos prestavam bastante atenção ao que estavam fazendo, mesmo quando apenas folheavam os livros; e quando participavam da roda de leitura, tirando uma brincadeirinha ou outra, permaneciam atentos e participavam da leitura.

4.3.1 - ALGUNS MOMENTOS ESPECIAIS

Em algumas de nossas sessões de leitura na biblioteca aconteceram fatos que gostaríamos de deixar registrados aqui. São comportamentos dos participantes e uma estória que lemos, que não poderiam deixar de constar em nosso trabalho.

Em nosso 5º encontro, ao final da sessão, pedimos para que as alunas Ju e Ka recontassem a estória que havíamos lido, que se chamava “O burrinho insatisfeito”, e as alunas atenderam a nosso pedido com muita eficiência.

Na sessão de nº 7, fizemos uma espécie de teatrinho de vozes, quando foi lida a estória “Branca de Neve e os Sete Anões”. Esta pesquisadora fazia a voz da Madastra e os dois alunos presentes representavam o Espelho Mágico e a Branca de Neve. A pesquisadora era também a narradora, além de orientar os personagens sobre suas falas.

Quando fizemos a leitura do livro “Um dia cheio”, em nossa 9ª sessão, os três participantes ficaram bem próximos do livro para observar os detalhes, isto aconteceu porque este livro contava com páginas inteiras de ilustrações com muitos detalhes, onde os personagens eram crianças, e a parte escrita era bem reduzida. O tema era bem interessante: um dia na vida de várias crianças que conviviam juntas. Para incentivar a participação dos alunos, fazíamos perguntas, como: Onde está a menina brincando com um iô-iô no desenho? Também pedíamos para que os alunos nos descrevessem o que viam em cada página.

Tivemos uma participação especial da Ju enquanto narradora, em nossa 11ª sessão, quando a aluna se propôs a contar a estória de “Chapeuzinho Vermelho”. Ela precisou da ajuda desta pesquisadora para dar seqüência aos fatos, e se apoiou muito mais nas ilustrações do que no texto. Ao final, todos os participantes pediram que a pesquisadora fizesse a leitura da estória que Ju havia contado.

Em um outro encontro, o de nº 10, foi a Al que contou a estória, tratava-se de um episódio do Almanaque da Mônica. Foi a aluna quem mostrou a revistinha e contou a estória. Ela precisou de nossa ajuda para que a narrativa acontecesse porque ficava a maior parte do tempo fazendo piadinhas e colocando esta pesquisadora no lugar da Mônica em muitas partes da narrativa. Além disso, tivemos que fazer uma ponte entre Al e os participantes porque a fala de Al é um pouco complicada de se entender.

Na sessão de nº 17, quando terminamos a leitura do livro “Alice no país das Maravilhas”, sugerimos que não fosse feita a leitura do livro “Branca de Neve e os Sete Anões” (que também havia sido escolhido para ser lido em roda), isto porque o horário de recreio estava chegando ao fim. Os participantes não aceitaram a sugestão de apenas folhearmos o livro e disseram que queriam que fosse realizada sua leitura, então realizamos uma leitura bem rápida.

Ju auxiliou Am na leitura do livro “Onde está o Bolinha?”, na sessão nº 32. Este livro contava com pouco texto escrito, mas Am estava sentindo alguma dificuldade em compreendê-lo sozinha, foi quando Ju se ofereceu para ajudá-la. A atitude de Ju foi bem recebida pela colega.

Não poderíamos deixar de falar aqui sobre uma leitura que, não só prendeu a atenção das crianças, como a nossa também, foi do livro “O gambá que não sabia sorrir” de autoria de Rubem Alves. Esta leitura foi realizada em nossa 3ª sessão e escolhida previamente pela pesquisadora. De um total de sete participantes, neste dia, nenhum saiu antes da estória acabar, e só não participaram o tempo todo aqueles que chegaram atrasados.

O livro contava a estória de um gambá que vivia na floresta dependurado no galho de uma árvore, e ali, de cabeça para baixo ele via o mundo sob um ângulo diferente dos outros animais. No decorrer da narrativa este animal é levado (com sua árvore) por algumas pessoas, que se intitulavam cientistas, para a cidade grande. Acontece que estas pessoas colocaram para si mesmas a missão de fazer o gambá feliz, isto porque não conseguiam ver que ele só estava de cabeça para baixo e por este motivo parecia infeliz (já que a meia lua que representava sua boca estava voltada para baixo). Tanto fizeram para que sua expressão de “tristeza” fosse transformada, até que conseguiram que ele se tornasse “feliz”, porém esta suposta felicidade só era verdadeira aos olhos daquelas pessoas que não souberam compreender o pobre animal. Ao final, os chamados “especialistas em fazer os animais felizes” esqueceram o gambá porque ficaram empolgados demais com o sucesso que conseguiram por ter realizado sua missão; e o animal foi parar na lata do lixo, onde foi encontrado

por um menino que compreendeu sua real tristeza e o levou de volta para a floresta e para a felicidade.

Esta leitura vêm demonstrar que as crianças têm, muitas vezes, uma sensibilidade maior que a dos adultos para com os sentimentos que as pessoas expressam. Com esta leitura chamamos a atenção dos participantes para a questão da expressão de sentimentos, e muitas vezes solicitamos às crianças que falassem sobre os sentimentos do gambá que podiam perceber nas várias ilustrações, e também conversamos sobre os sentimentos que geralmente temos com relação a situações como ir à praia, por exemplo (isto aproveitando as ilustrações do livro em que o gambá era levado a diferentes lugares na cidade grande para que se tornasse feliz). Conseguimos uma excelente participação dos alunos que estiveram na biblioteca neste dia.

Gostaríamos de colocar que esta estória foi aqui registrada, não só porque representou um momento muito especial do nosso trabalho, mas principalmente porque nos tocou profundamente por falar daqueles que vêm o mundo de uma maneira diferente da maioria, e também expressam seus sentimentos de uma maneira que não é padrão. Estas pessoas acabam não sendo compreendidas nem aceitas pelos chamados normais ou iguais; entre estas pessoas estão os considerados deficientes, que são apenas diferentes.

4.4. QUANTO ÀS ENTREVISTAS

4.4.1 - A PRIMEIRA FASE

No final do semestre (Nov./95) realizamos entrevistas com 12 alunos dos três grupos participantes da pesquisa. Conversamos com três crianças do G6, cinco do G7 e quatro do G8. Entrevistamos o Leo e o Ga, que foram

participantes assíduos da atividade de leitura na biblioteca (alunos do G7); entrevistamos Vi e Ju do G8, Am, Pa, Al do G7 e Pl, El e Gug do G6, que participaram de duas a seis sessões. Também foram entrevistadas An e Va do G8, que não participaram das sessões.

As entrevistas foram gravadas em fita cassete e aconteceram em dois momentos (dois dias diferentes); as primeiras foram realizadas no espaço da biblioteca, com os participantes do G6 e do G7; já os alunos do G8 foram entrevistados em uma das salas de aula da escola. Posteriormente, as fitas foram transcritas literalmente.

As perguntas feitas tiveram como objetivo buscar informações sobre como os participantes da pesquisa estavam sentindo o nosso trabalho. Para aqueles alunos que participaram mais vezes, a primeira pergunta foi sobre o porquê de sua opção no horário do recreio ter sido a biblioteca, nos dias em que esta permanecia aberta. Também quisemos saber o que eles acharam de nossa atividade e das rodas de leitura. Quanto àqueles que participaram de duas a seis sessões, perguntamos o que eles acharam de nossa atividade e, no caso dos alunos que participaram menos (duas sessões), quisemos saber porquê eles participaram poucas vezes e não voltaram mais. Para Va e An, que não participaram, perguntamos o motivo desta não participação e o que elas gostariam de fazer na biblioteca no horário do recreio, sem ser a leitura.

Dos alunos que participaram bastante, Leo esteve presente em 74% dos encontros e Ga em 68% delas. Ambos disseram que participaram de nossa atividade porque gostavam de ler e Leo chegou a citar a estória de Chapeuzinho Vermelho como sendo a sua preferida.

Entre os alunos que participaram algumas vezes surgiram outras preferências com relação a atividades a serem realizadas no horário do recreio na biblioteca, tais como assistir filmes no vídeo e jogar. Alguns alunos disseram gostar da atividade de leitura, Al disse não gostar de ler na escola e disse "Eu gosto de jogar" e Ju afirmou gostar da atividade, e quando perguntamos se gostaria de fazer outra coisa neste horário e local disse que não; segundo ela, "Eu

escolho livro pra ler, aí eu posso ir perto da prateleira escolher o livro". Vi, que participou de cinco sessões, disse que não participou de mais encontros porque estava cansado de ler, mas afirmou ter gostado das rodas de leitura nas quais participou. Disse ele "Sabe o que é? Eu gosto de ir na biblioteca. Mas acontece que eu tava cansado pra ler." e também "Eu prefiro ver filme, e ler livro na biblioteca eu não quis".

Pl, que participou de três encontros e disse não gostar de ler na escola, foi bastante dispersa em suas respostas. Quando perguntamos por quê ela só havia participado de três encontros, ela falou de sua casa, da mãe, do pai, menos do que havia sido perguntado. A aluna foi explícita quando respondeu à pergunta "Você gosta de ler?" dizendo "Eu leio na minha casa."

El, que freqüentou seis sessões, foi um pouco contraditória, isto porque foi totalmente negativa em suas respostas, e mesmo tendo participado de vários encontros disse não gostar de livros, preferir ler na sala de aula e que a biblioteca não é boa porque faltam livros (apesar da biblioteca da sala ter menos livros ainda). Segue um trecho da entrevista (onde P é pesquisadora):

P: Eu queria saber o que você acha da atividade de leitura no horário do recreio? Porque você tem participado bastante?

El: É ruim.

P: O que é ruim?

El: Livro.

P: Livro é ruim? Mas você vem tanto à biblioteca, El!

El: Eu não quero.

P: O quê?

El: Livro."

Não ficou muito claro o pensamento de El considerando o fato de seu discurso não ser condizente com os seus atos, ou seja, ela participou de seis entre dezenove sessões e afirma que acha livro ruim. Por outro lado, quando perguntamos sobre suas preferências para o horário do recreio ela disse "Ler e escrever". Consideramos sua fala incoerente, porque se realmente ela não tivesse gostado da atividade na biblioteca, não teria participado de mais que uma sessão. Não conseguimos chegar à uma conclusão sobre suas contradições nesta entrevista, nem mesmo observando nossos registros em fichas sobre as escolhas feitas pelos alunos, isto porque pudemos notar que ela somente participou das rodas de leituras (e com muita atenção), ou seja, não chegou a manusear livros da prateleira. Resta então as dúvidas:

Porquê ela considera os livros ruins e quais são esses livros? Será que ela se refere a livros da biblioteca que manuseou em outro horário que não o recreio, já que neste horário ela não retirou nenhum livro da prateleira? São perguntas que não podemos resolver pois não sabemos sobre a utilização da biblioteca da escola fora do horário de nossa atividade. Talvez os profissionais que trabalham diretamente com a aluna possam entender esta incoerência (ou não?) de alguém que diz não gostar dos livros e da biblioteca, ao mesmo tempo que participou de várias rodas de leitura.

Quanto as duas alunas que nunca participaram, elas deixaram bem claro ter preferência por outras opções de lazer no recreio, uma delas falou que gostaria de ver vídeo na biblioteca e a outra justificou não ter participado das atividades de leitura porque já lê o suficiente. Disse ela "...eu não gosto ... de ficar lendo toda hora!".

Foi bastante interessante conversar com os alunos, representou um feedback do nosso trabalho. Deu para perceber que há, entre a maioria dos alunos entrevistados, interesse pela leitura e pelos livros, embora também tenha aparecido algumas incongruências na fala de algumas crianças.

4.4.2 - A SEGUNDA FASE

No segundo momento de nossas entrevistas (Maio/96), as conversas com os alunos foram realizadas no horário do recreio na biblioteca. Usamos este horário, que era reservado para a nossa atividade de leitura, para não ausentar os alunos das atividades de sala de aula (por sugestão de uma das professoras), o que ocorreu no semestre anterior.

Uma a uma, as entrevistas foram gravadas e depois transcritas. Como nas entrevistas anteriores, as perguntas tiveram como objetivo buscar informações sobre como os participantes estavam sentindo nosso trabalho, bem como saber se os alunos consideram importante a abertura da biblioteca no horário do recreio. Para aqueles que nunca participaram, usamos as mesmas questões das entrevistas anteriores com pequenas alterações. Acrescentamos a pergunta "Por quê você não participou de nossas atividades na biblioteca no horário do recreio?" e "O que você gostaria de fazer na biblioteca se este espaço fosse aberto para você fazer o que quisesse?". Também acrescentamos nesta segunda fase de entrevistas a pergunta "Você acha que é importante a biblioteca ficar aberta no horário do recreio ou não?".

Entrevistamos, nesta segunda etapa, cinco alunos (que já haviam sido entrevistados anteriormente), sendo An e Va, que não participaram, o Leo, que foi o participante mais assíduo e Ju e El, que participaram algumas vezes.

An (que nunca participou) reforçou a afirmativa de que não compareceu a nossas atividades porque não gosta de ficar lendo muito. Quando perguntamos se em sua casa ela também não gostava de ler, ela respondeu: "Na minha casa também não. Eu faço livro na minha casa". Com esta fala, ficou claro que a garota gosta bastante de escrever, e que prefere escrever mais do que ler nas horas de lazer. Mas quando perguntamos sobre o que ela gostaria de fazer na biblioteca caso este espaço fosse aberto no horário do recreio para ela fazer o que quisesse, An respondeu "Eu gosto de ler gibi também". Também pedimos sugestões de atividade que podem ser realizadas na biblioteca e a aluna citou os jogos

Memória do Castelo Rá-tim-bum e Lince. Por último, foi mencionado a leitura de revistas como sendo uma outra opção.

O que podemos concluir com relação às respostas de An é que suas preferências na hora de escolher uma atividade para seus horários de descanso passam pelos jogos, pela escrita e chegam na leitura, não de livros, mas de revistas e gibis. Também, como se pode observar através de suas respostas, as justificativas de sua ausência em nosso trabalho foram muito parecidas nos dois momentos de entrevista, ou seja, ela realmente não gosta muito de ler livros.

Van foi entrevistada duas semanas antes do encerramento de nossas atividades, quando foi considerada como sendo uma ausente da atividade de leitura na biblioteca. Acontece que na semana seguinte ela resolveu participar da atividade, inclusive fez parte da roda de leituras. Mesmo assim, as respostas dela continuam sendo interessantes, pois explicaram o porque de sua ausência.

Quando perguntei porque ela não havia participado, sua resposta foi "Porque eu não quero vim aqui. Porque eu não gosto de vim aqui."

Na entrevista de Van (ver anexo nº5) pode-se perceber sua paixão pelos livros, inclusive ela cita os tipos de livros que gosta de ler, e afirma "Eu gosto de ler bastante". A aluna foi clara também quando disse que não gosta de ir para a biblioteca quando ela está lotada. Em suas palavras: "Eu gosto de vim aqui. Mas quando tiver bastante gente, aí é que eu não gosto de vim aqui". Van também fez referência ao uso do computador; quando perguntamos o que ela gostaria de fazer na biblioteca caso este espaço fosse aberto para ela fazer o que quisesse, sua resposta foi: "Pegar um livro e vim aqui mexer no computador escrever tudo no computador o que eu li no livro." Ela afirmou gostar dos livros, mas não da biblioteca. Porque será que ela não gosta da biblioteca? Será um problema de espaço, e por isso ela diz que não gosta de ir à biblioteca quando tem muita gente lá? Ou será que ela somente tenta justificar o fato de preferir outras opções de recreio? Ficam levantadas as dúvidas.

Ju afirmou gostar de livros e de jogos. Ela fez uma referência aos computadores - assim como fez Leo - que dividem o ambiente com os livros. Em suas palavras, "...tem bibliotecas com livros e computador, computadores". Ela afirmou também gostar que a biblioteca fique aberta no horário do recreio. Um momento interessante desta entrevista foi quando perguntamos se Ju sabia que o nome da biblioteca infantil do CDI é Monteiro Lobato, foi quando ela nos contou que havia visitado com o G8 a biblioteca de um dos bosques da cidade de Campinas que também leva o nome do grande escritor. A descrição que Ju fez da biblioteca visitada foi:

"É legal! Tem livro lá, tem lápis" e "Bonita. Grande. Tem um monte de mesa pra ler, escrever quem quiser. Tem a Márcia que conta estória!"

Como ficou claro, a visita foi marcante para Ju, pois é bastante visível sua empolgação quando faz a descrição do local visitado. Em sua fala pudemos perceber uma tentativa de definir ou entender o que seja uma biblioteca, já que os dois referenciais que ela citou, que são a biblioteca do Bosque e a do CDI, são um pouco diferentes. A igualdade entre elas está nos livros que ambas possuem, já as mesinhas para leitura e os computadores parecem não ser comuns aos dois casos.

É relevante colocar que o entusiasmo de Ju com relação à biblioteca do Bosque pode ter relação com a aparência desta, já que ela citou com bastante riqueza de detalhes a sua organização e o fato de ter uma pessoa contando estória neste ambiente.

El continuou sendo incoerente nesta segunda entrevista, se compararmos com a primeira, apesar de ter respondido que achou legais nossas atividades. Isto fica claro observando o trecho que segue:

"P: E você acha que é legal a biblioteca ficar aberta no recreio?"

El: Não.

P: Porquê?

El: Fechada.

P: Porquê?

El: Porque eu quero.

P: Mas se você gostou da atividade, porque você acha que deveria fechar?

El: Porque é feia.

P: Você acha esta biblioteca feia. E o que você acha feio nela?

El: Os livros.

P: Porque?

El: Porque eu quero.

P: Então você acha que não precisa abrir a biblioteca?

El: Não, fechado."

Analisando a fala de El, percebe-se que suas respostas não tiveram muita consistência, principalmente quando diz que a biblioteca é feia por causa dos livros. Por outro lado, na entrevista anterior El falou que falta livro para a biblioteca ficar boa. Frente a incoerência entre ter participado de 10 entre 25 sessões e dizer que a biblioteca é feia, permanece aqui a certeza que, se ela realmente não estivesse contente com os livros da biblioteca, não teria participado destas sessões. Assim, seria possível pensar que ela, ao falar das coisas, tende a negar o positivo? Como já colocamos anteriormente, talvez as pessoas que trabalham mais diretamente com El possam entender esta contradição (ou não?).

Um outro entrevistado foi o Leo, que participou de quase todas as nossas sessões neste primeiro semestre de 96. Para sermos mais precisos, ele só não compareceu a uma sessão num total de vinte e cinco, e na maioria delas ele participou da roda de leituras. Leo deixou bem claro que gosta de ler e apesar de sua fala ser um pouco difícil de entender, o seu entusiasmo, principalmente pela estória “Os três porquinhos e o Lobo Mau”, ficou visível. Quando da primeira entrevista Leo já havia citado o Lobo Mau em sua fala; desta vez, foi quando perguntamos o que ele gostaria de fazer na biblioteca no horário do recreio e sua resposta: “Ler...só ler. O lobo, três porquinhos”. Um outro momento da entrevista que vale ser ressaltado foi quando Leo se referiu aos computadores da biblioteca, quando lhe perguntamos o que ele achava da atividade de leitura e ele repetiu a palavra “leitura” e apontou para os computadores. Em seguida, falou “Eu gosto daqui”.

O que podemos concluir desta entrevista é que tanto a nossa atividade de leitura quanto o uso dos computadores (sua turma fez uso dos computadores este semestre) marcaram o seu conceito de biblioteca, por isso houve a referência ao computadores, assim como fez Ju. O mais importante é ressaltar que Leo demonstrou gostar de ler e de ouvir estórias, tanto através das entrevistas como aproveitando as oportunidades que teve no decorrer de nosso trabalho de usar a biblioteca em horário de descanso.

Nessa segunda fase das entrevistas, notamos que alguns entrevistados fizeram referência aos computadores; talvez isto tenha acontecido porque as crianças dos grupos envolvidos em nossa pesquisa fizeram uso dos computadores, que ficam na biblioteca, com certa freqüência durante este semestre (pelo que pudemos observar enquanto trabalhávamos no CDI). É importante resgatar aqui, que no primeiro momento de nossas entrevistas aconteceram muitas referências com relação ao uso do espaço da biblioteca enquanto sala de vídeo. Neste segundo momento, a ênfase maior foi quanto ao uso do computador, ou seja, o vídeo foi substituído pelos computadores como componentes da biblioteca, além dos livros.

4.4.3 - ALGUMAS CONSIDERAÇÕES GERAIS

Percebemos que a leitura se mostrou como uma opção a ser aproveitada no horário do recreio, principalmente por aqueles alunos que gostam de ler e ouvir histórias, isto ficou evidente nas respostas dos entrevistados. É importante também considerar as outras opções de atividades para o horário do recreio que os alunos apontaram, que são: assistir filme no vídeo, jogar (principalmente jogo de memória) e ler revistas, ou até simplesmente brincar.

Notamos também que o horário do recreio é um momento especial para os alunos do CDI e que merece ser aproveitado, isto talvez por ser o único horário livre durante o período em que eles permanecem na escola e porque permite o contato com alunos de outros grupos. Dizemos isto porque alguns alunos, em particular o Gug, que infelizmente não participou até o final da pesquisa, participavam parcialmente do momento de leitura e depois se dirigiam para o pátio ou para o parque, com objetivo de aproveitar as outras oportunidades de lazer.

De uma maneira geral, os entrevistados mantiveram suas posições anteriores, ou seja, as falas não mudaram muito da 1ª para a 2ª entrevistas. Aqueles que não participaram, mantiveram o argumento de que preferem outras opções de lazer (An e Va). As incoerências de El também se mantiveram, ela teve uma participação razoável nos dois períodos da pesquisa, apesar disto, afirmou não gostar de livros, nem da biblioteca. Por outro lado, os alunos que participaram mais vezes, reafirmaram que gostam de ler.

Quanto a concepção de biblioteca destes alunos, percebemos que não existe muita clareza entre os entrevistados sobre o que é uma biblioteca. Concluimos isto, principalmente, porque vários participantes se referiram à sala da biblioteca como sendo sala de vídeo (primeiras entrevistas) ou de computadores (segunda fase de entrevistas). Este fato aconteceu tanto com os participantes mais assíduos, quanto com os menos.

O que realmente importa, é que, mesmo sendo vista como videoteca ou sala de computadores, os participantes de nosso trabalho (não só aqueles que foram entrevistados), demonstraram uma atenção especial para com a biblioteca.

5. CONCLUSÃO

Lemos estórias, muitas estórias ... unidos ao redor de um livro ou separados pela magia de vários livros.

Este trabalho representa o fim de uma etapa muito importante de nossas vidas e foi para nós, desde o começo, um grande desafio. Foi acertado escolher um tema tão interessante como a leitura, e mais ainda por trabalhar com crianças tão especiais como as com Síndrome de Down. Também o contato que tivemos com a literatura sobre os temas leitura e Síndrome de Down foi muito enriquecedor para a nossa formação enquanto profissionais da Educação.

Abrir a biblioteca e receber cada aluno que a procurava para escolher um livro para ler ou para ouvir uma estória, sempre nos foi muito prazeroso e a presença dos alunos em nossos encontros demonstrava que o trabalho estava sendo valorizado. Consideramos que a leitura na biblioteca em horário de recreio ganhou espaço, porque percebemos alguns alunos bastante motivados com esta atividade. É importante lembrar que os alunos com uma maior frequência demonstraram, através das presenças e das entrevistas, que gostavam de ler e de ouvir estórias. Desse modo, parece que este trabalho promoveu oportunidade e hábito de leitura em algumas crianças e adolescentes com Síndrome de Down.

O contato com inúmeros livros infantis, que ocorreu durante nosso trabalho, resultou em aprendizado também para nós, que pudemos descobri-los juntamente com os alunos do CDI. Este contato havia começado quando fizemos uma oficina sobre interpretação de textos (que já mencionamos) na FE-UNICAMP e discutimos sobre alguns livros infantis e seu trabalho dentro da sala de aula. Um dos livros que estudamos foi “O rato e o vento”.

Concordamos com BABENGER (1986) que o hábito da leitura precisa ser cultivado, e ainda dizemos mais, o gosto pela leitura precisa ser despertado para que este hábito possa ser algo prazeroso. Ler somente quando temos uma necessidade de conhecer mais sobre um determinado assunto é importante, porém colocar a leitura e os livros, revistas, jornais como componentes de um dia-a-dia mais gostoso e rico é mais importante ainda. A escrita nos revela mundos imaginários através da ficção, nos aproxima de lugares distantes de nosso próprio mundo; enfim, aproxima as pessoas e as diferentes culturas existentes em nosso planeta. Leitura é comunicação, aprendizado, transmissão de conhecimentos.

Encontramos no trabalho de CARVALHO (1989) referência à “hora do conto”, sendo um modo de divulgar os livros e incentivar a ida do aluno para a biblioteca. Em nosso trabalho nos utilizamos, em muitos de nossos encontros, de “rodas de leitura”, que eram muito parecidas com esta sugestão da autora, mas em nosso caso eram os participantes que escolhiam o livro a ser lido no início da atividade. Assim, a leitura não era programada, como sugere a autora. No presente trabalho a escolha dos livros que seriam lidos em roda passou gradualmente da pesquisadora para os alunos e significou a realização de um dos objetivos propostos.

Com relação à organização da biblioteca, foram relevantes as mudanças que ocorreram neste espaço físico durante o decorrer do nosso trabalho, entre elas a retirada do aparelho de vídeo (que foi transferido para outra sala), a retirada de uma mesa redonda que lá estava e a reorganização da biblioteca infantil, implementada este ano de 96. É importante resgatar que, após esta reorganização, que visou melhorar a disposição dos livros nas estantes, percebemos que os participantes manusearam um número maior de livros fora da roda de leituras; também nos foi possível observar que os livros da prateleira fixa (uma prateleira de cimento que fica junto à uma das paredes) foram mais retirados neste 1º semestre de 96, se compararmos com o 2º semestre de 95, quando os livros que ficavam expostos na prateleira móvel (de arame) e com a capa à mostra, tinham sido mais procurados pelos alunos. Vale dizer que

tivemos a preocupação em colocar a maior quantidade possível de livros na estante fixa (que é bem maior que a móvel) com a capa voltada para o leitor, e percebemos que isto surtiu o efeito desejado, ou seja, esta prateleira foi melhor explorada pelos participantes.

Como afirmam AMATO e GARCIA (1989), a organização da biblioteca deve ser pensada com o objetivo de atrair os alunos. Concordamos com elas, e dizemos ainda que a biblioteca não pode espantar os alunos, o que fatalmente ocorrerá se não lhes for oferecido um ambiente rico em conhecimento e aconchegante em carinho e atenção. Não se pode esquecer que a criança é naturalmente curiosa, mesmo assim precisa de estímulo para galgar os caminhos do conhecimento socialmente elaborado.

Colocamos em nossa introdução que notamos, através de nossa experiência de estágios e de nossa experiência enquanto alunos, que a escola, de uma maneira geral, enfoca mais a leitura enquanto obrigação do que uma opção de lazer. Preocupados com esta questão da leitura “livre” ser pouco explorada e valorizada, foi que realizamos este trabalho dentro do qual a leitura espontânea foi o principal destaque.

Acreditamos que o grande legado que as escolas pelas quais passamos no decorrer de nossa vida podem nos deixar é o gosto pela leitura porque, como diz CAGLIARI (1993), muitos são os conhecimentos adquiridos pelo homem através da leitura fora da escola.

ZILBERMAN (1982) nos fala sobre os estímulos que são necessários para que qualquer ser humano possa desenvolver a habilidade de leitura. Aproveitamos aqui para reforçar que, segundo a autora, qualquer pessoa precisa de estímulos e acrescentamos que uma pessoa com deficiência precisa mais ainda de estímulos e de oportunidades para que possa desenvolver suas potencialidades e, conseqüentemente, a habilidade da leitura.

Vale salientar que as pessoas consideradas deficientes, muitas vezes, não possuem acesso a opções de lazer, sendo assim, é necessário que a leitura

enquanto uma opção para momentos de descanso e oportunidades de lazer sejam viabilizados em nossa sociedade. A importância do lazer enquanto fonte de aprendizado precisa ser mais explorada.

Vale acrescentar, ainda, que a leitura é muito importante para as pessoas consideradas deficientes, porque elas também, como as outras pessoas, podem aprender através da leitura, além de precisarem que lhes sejam oferecidas oportunidades de lazer. No caso dos participantes de nossa pesquisa, os resultados demonstram que estas pessoas se interessam pelo livro se lhes for dada a oportunidade e o estímulo necessário para chegar até ele.

Finalizamos com uma frase de SILVA (1986) , que muito nos diz com relação ao ato de ler e, principalmente, do prazer e da liberdade que são essenciais para que uma leitura possa ser fonte de aprendizagem:

" Ao ler, o aluno poderia deixar de ouvir o mestre, que tudo pode e tudo sabe, para ouvir a si mesmo e aí acreditar que também sabe e que também pode... Ler se quiser. Quando quiser. Onde quiser. O que quiser. Ler e desler. Ler e reler. Ler tudo e ler pela metade. Sem começar e sem terminar... Viver profundamente ação de querer, experiência de prazer e de liberdade" SILVA, 1986, pp61-62).

BIBLIOGRAFIA

- AMATO, M. & GARCIA, N. A. R. - "A biblioteca na escola" In Edson G. Garcia (org.) Biblioteca escolar: estrutura e funcionamento. São Paulo, Ed. Loyola, 1989. (pp. 11- 23).
- ARRIGUCCI, D. JR. - "Leitura, entre o fascínio e o pensamento" In Célia M. de A. Silva {et al.} Leitura, escola e sociedade São Paulo: FDE. Diretoria técnica, 1992 (pp. 19-24) Série Idéias.
- BABENGER, Richard - "Como incentivar o hábito da leitura". São Paulo, 2ª ed. Ed. Ática, 1986.
- CAGLIARI, Luiz C.- "Alfabetização & Lingüística". São Paulo, 6ª ed. Ed. Scipione, 1993 (Série Pensamento e Ação no Magistério).
- CAMPOS, C. de A. e BEZERRA, M. de L. L. - "Bibliotecas Escolares: um espaço estratégico" In Edson G. Garcia (org.) Biblioteca escolar: estrutura e funcionamento. São Paulo, Ed. Loyola, 1989.
- CARVALHO, E. L. de - "Considerações sobre a prática da leitura" In Edson G. Garcia (org.) Biblioteca escolar: estrutura e funcionamento . São Paulo, Ed. Loyola, 1989 (pp. 61-75).
- FARIA, M. N. M. de - "Alfabetização de crianças portadoras de Síndrome de Down: analisando uma proposta de ensino" . São Carlos, Dissertação de Mestrado, UFSCAR, 1993.
- FIAD, R. S. e CARBONARI, M. do C. - "Teoria e Prática do ensino de língua materna" Cad. CEDES Nº 14: São Paulo, Ed. Cortez, 1985 (pp. 34-41)
- MARTINEZ, H. C. P. - "Relato de uma experiência de reativação de uma biblioteca escolar de Periferia" . São Carlos, Dissertação de Mestrado. UFSCAR, 1990.

MOYSÉS, Sarita M. A. - "A leitura do mundo precede a leitura da palavra ..."
Caderno Cedes nº14 . São Paulo, Editora Cortez 1985 (pp. 8-13).

ORLANDI, Eni - "Leitura: questão lingüística, pedagógica ou social?" Rev. Educação & Sociedade Nº 22 . São Paulo, Editora Cortez - Set./Dez 1985 (pp. 93-98).

PUESCHEL, S. "Causas da Síndrome de Down" In S. M. Pueschel (org.)
"Síndrome de Down: guia para pais e educadores" . Trad. Lúcia H. Reily .
Campinas: Papirus, 1993 (pp. 53-64)

SILVA, Fátima S. - "Análise Psicolingüística da Leitura de crianças nas séries iniciais do 1º Grau" Cad. de PESQUISAS Nº 58 . São Paulo - Ago. 1986 (pp. 58-68).

SILVA, Lilian L. M. da - "A escolarização do leitor: a didática da destruição da leitura" . Porto Alegre. Mercado Aberto, 1986 (Novas perspectivas, 19)

ZILBERMAN, R. - "A leitura na escola" In Regina Zilberman (org.) "Leitura em crise na escola: as alternativas do professor". Porto Alegre, Mercado Aberto, 2ª ed. , 1982 (pp. 9-22).

ZILBERMAN, R. - "A leitura e o ensino da literatura" . São Paulo, Ed. Contexto, 1988 (Coleção Contexto Jovem).

WITTER, Geraldine - "Aprendizagem acidental na escola" In Geraldine P. Witter e José F. Lomônaco "Psicologia da Aprendizagem" - E. P. U. 1987, (pp. 1-14).

ANEXOS

ANEXO 1

Convite entregue no primeiro dia.



ANEXO 2

Calendário

MÊS: NOVEMBRO - ANO: 1995 ATIVIDADES DE LEITURA NO RECREIO						
DOMINGO	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO
			 1 BIBLIOTECA	2	3	4
5	 BIBLIOTECA	6	 7 BIBLIOTECA	8	9	10
11						
12	 BIBLIOTECA	13	 14 BIBLIOTECA	15	16	17
18						
19	 BIBLIOTECA	20	 21 BIBLIOTECA	22	23	24
25						
26	 BIBLIOTECA	27	 28 BIBLIOTECA	29		

ANEXO 3

Cartaz que foi fixado na porta da biblioteca.



ANEXO 4

Ficha

Sessão nº 22.

Obs.: Livro lido em roda com dois participantes: "A festa dos ursinhos".

Aluno	Livros Retirados	Modo como manipula o livro	Participação na roda	Tempo	Outras observações
JU (G8)	Chapeuzinho Vermelho	Leu com atenção após o término da leitura em roda.	Prestou bastante atenção à leitura.	20 minutos	
LEO (G7)	A festa dos ursinhos	Pediu para que fosse lido na roda de leituras.	Prestou bastante atenção e escrevia em uma folha enquanto ouvia a estória.	20 minutos	
MA (G7)	Peter Pan e Os filhotes selvagens	Prestou bastante atenção aos livros que retirou.	Não participou da roda.	20 minutos	
GA (G7)	Onde está o bolinha? E muitos outros.	Prestou mais atenção aos livros do Bolinha, e apenas folheou os demais.	Não participou da roda.	20 minutos	

ANEXO 5

Segunda entrevista realizada com Va (G8).

ENTREVISTAS - realizada em MAIO/96

Va (participou de uma sessão)

P: Fala pra mim Va porque você nunca veio ler comigo na biblioteca no horário do recreio?

Va: Porque eu não quero vim aqui. Porque eu não gosto de vim aqui.

P: E é só no horário do recreio ou você não gosta de vir nunca?

Va: Vim nunca mais aqui. Eu não quero não. Porque eu não gosto.

P: E o que você acha dos livros?

Va: Lindos.

P: Então você gosta dos livros?

Va: Gosto dos livros, da biblioteca não.

P: E você gosta de ler?

Va: Gosto de ler bastante livros.

P: E onde você gosta de ler?

Va: Aqui, na sala.

P: Aqui na biblioteca? Na sala, onde mais?

Va: Ah, não sei.

P: Você falou que gosta de ler aqui na biblioteca e falou que não gosta da biblioteca. Eu não entendi.

Va: Eu gosto de vim aqui. Mas quando tiver bastante gente, aí é que eu não gosto de vim aqui.

P: Porquê, Va?

Va: Porque não.

P: Se fosse pra vir sozinha, você viria? Pra vir sozinha, pegar um livro e ler, é isso?

Va: É.

P: Olha! E quando tem bastante gente não é mais legal?

Va: Não.

P: E você acha que é importante a biblioteca ficar aberta no recreio ou não precisa?

Va: Não, não precisa.

P: Você acha que não precisa ficar aberta. E se a biblioteca fosse aberta e você pudesse fazer nela o que você quisesse, o que você faria?

Va: Pegar um livro e vim aqui mexer no computador, escrever tudo no computador o que eu li no livro.

P: E tem mais alguma coisa que você gostaria de fazer aqui na biblioteca?

Va: Não, mais nada.

P: O que você gosta de fazer no recreio fora da biblioteca?

Va: Ficar no recreio. Brincar, ler os livros interessantes.

P: O que é um livro interessante para você?

Va: Ah, estória e bastante desenho.

P: Que tipo de estória?

Va: De esporte, de corrida e de assalto.

P: Você gosta de livro de assalto?

Va: Desenho de assalto.